

**KITS DIDÁTICOS
DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO
ENSINO**

Amazônia
O jardim dos povos indígenas



“Ponte do Cipó”, Johann Moritz **Rugendas**, 1827.



KITS DIDÁTICOS DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO

**Material didático criado e organizado ao longo das aulas na
Disciplina - Ensino de História: Teoria e Prática - 2023**

Professora:

Prof.^a Dr.^a. Antonia Terra de Calazans Fernandes

Monitora:

Lorena Sayuri Nakashima

Estudantes:

Eduardo Moraes Romualdo do Nascimento - 10764717

Giovanna Salatine - 10765103

Guilherme de Souza Miguel - 11251092

Luca Bertoli Santos Pinto - 10764825

Maria Luiza Lima Horta de Almeida Souza - 11251147

Matheus dos Reis Oliveira - 10764634

Vitor Antunes Martinelli Borba - 10327319

Funcionário Administrativo:

Marcos Antonio de Oliveira



**Laboratório de Ensino e Material Didático - LEMAD
Departamento de História – FFLCH –USP
2023**

LISTA DE DOCUMENTOS

BLOCO I -

1. ACUÑA, Cristóbal de. [1639]. In: CARVAJAL, ROJAS E ACUÑA. Descobrimientos do Rio das Amazonas. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941.



2. Território Nambikwara - Mapa.



BLOCO II

1. K, Oberg. 1953 apud LÉVI-STRAUSS, Claude. "XXVII: em família". In: Tristes Trópicos. São Paulo: Cia das Letras, 1996.



2. LÉVI-STRAUSS, Claude. "XXVII: em família". In: Tristes Trópicos. São Paulo: Cia das Letras, 1996.



BLOCO III

1. NAMBIKUARA, Tadeu [transcrição]. A nossa história é milenar, não começa em 1988. YouTube, 03 jun. 2023. 3'25".



2. NEVES, Eduardo Goes. Conclusão: por uma história antiga dos povos indígenas. In: Sob os tempos do equinócio. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.



3. Fotografia Etnográfica: Comissão Rondon; Chiquinho Nambikwara - Museu do índio 1900/1920.



4. Fotografia: Festa da Menina Moça.



5. PL 490/2007 (Projeto de Lei do Marco Temporal).



BLOCO IV

1. ACUÑA, Cristóbal de. [1639]. In: CARVAJAL, ROJAS E ACUÑA. Descobrimientos do Rio das Amazonas. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941.



LISTA DE DOCUMENTOS

BLOCO IV (continuação)

2. Fotografia: Brinco com fragmentos de madrepérola. Povo Nambikwara.



3. Fotografia: Cesto vasiforme. Povo Nambikwara.



4. Fotografia: Mulheres Mamaindê indo para a roça. Foto por Joana Miller.



5. LÉVI-STRAUSS, Claude. "XXVII: na linha". In: Tristes Trópicos. São Paulo: Cia das Letras, 1996.



DOCUMENTOS COMPLEMENTARES

- Claude Lévi-Strauss. Biografia, Wikipédia. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Claude_L%C3%A9vi-Strauss> Acesso em 23 jun. 2023.
- Saudades do Brasil. [2005], Direção de Maria Maia. YouTube, TV Senado. 04 nov. 2019. Documentário, 1' 52". Disponível em: <<https://youtu.be/PK7Hh0hZzeE>> Acesso em: 21 jun. 2023.
- Constituição Federal, 1988, Capítulo VIII, Dos Índios. Disponível em:
<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em 23 jun. 2023.
- Povos Indígenas do Brasil, Nambikwaras. Disponível em:
<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Nambikwara#Hist.C3.B3rico_do_contato> Acesso em 23 jun. 2023.



LEITURA DOS DOCUMENTOS

Este kit didático, dividido em 4 blocos temáticos, tem como objetivo evidenciar a longa permanência e a agência indígena sobre o território amazônico. Ao colocarmos a Amazônia como jardim dos povos indígenas, não apenas trazemos a imagem doméstica de um jardim, mas também a ideia de que é um espaço construído, de convívio e vivência. A construção dialética entre território e povos originários é central ao kit, estando todos os documentos voltados ao desenvolvimento desta percepção junto aos alunos.

Por meio dos documentos selecionados, busca-se proporcionar a construção de uma percepção histórica crítica acerca da relação do indígena com a terra, suas lutas e seu espaço dentro do estado brasileiro. A escolha do povo Nambikwara, caracterizado não só pela mobilidade espacial mas também por sua complexidade cosmogônica, nos permite analisar as relações sociais e políticas construídas interna e externamente aos grupos, bem como suas mudanças e permanências ao longo da república.

“Oficialmente” contatados por Cândido Rondon, em 1907 - como parte dos esforços civilizatórios e modernizantes da Comissão Rondon - os diversos grupos que hoje chamamos Nambikwara já apareciam em documentos relativos à construção de estradas e expedições militares no século XVIII, quando a colonização da região do Mato Grosso se dá pela descoberta de ouro na região. Os grupos eram denominados “Cabixi”, em referência à região que habitavam: entre o alto curso do rio Cabixi, o rio Iquê e o baixo curso do Juruena. Muitas vezes colocados como “bravios”, em contrapartida a outras etnias “mansas” que habitavam a mesma região. A relação desses grupos com o “branco” passa, por diversos momentos, pela resistência e ressignificação.

Os documentos 1A e 1B nos fornecem a introdução de nosso tema, formando assim o primeiro dos quatro blocos de análise propostos. O primeiro sendo um mapa do território Nambikwara e o segundo, um relato de 1639 que descreve a região amazônica como um “jardim”, ainda atrelado à visão paradisíaca do Novo Mundo, que permeava o imaginário dos primeiros viajantes às terras tropicais da América.

Esta visão idílica não dura muito, sendo rapidamente substituída pelo “Inferno Verde”, uma terra desolada, quente e cruel, em que a natureza um dia vista como generosa, assume agora função punitiva e naturalizante sobre os habitantes da região.

Os documentos 2A e 2B, retirados do livro “Tristes Trópicos”, de Claude Lévi-Strauss nos oferecem duas visões sobre o mesmo grupo Nambikwara em momentos distintos: a primeira, oferecida por K. Oberg, em 1949, dez anos após a expedição de Strauss; e a segunda, oferecida pelo próprio Lévi-Strauss já no momento de escrita do livro, em 1955. Este segundo bloco nos permite a análise de duas visões distintas e seus autores, bem como o momento de suas escritas. Com base nos excertos podemos perceber as permanências e as mudanças no modo de vida Nambikwara experimentado por dois antropólogos de escolas distintas. Aqui trazemos a visão ocidental “esclarecida” sobre a sociedade Nambikwara.

No terceiro bloco trazemos cinco documentos, sendo dois deles imagens e três excertos. Os documentos 3A e 3B são fotografias produzidas em diferentes contextos e momentos históricos: a primeira produzida durante os primeiros anos do século XIX, durante as celebrações de um dos ritos festivos do povo Nambikwara - A Festa da Menina Moça, importante marco de passagem a vida adulta de jovens mulheres deste grupo cultural. Na foto, mulheres do grupo Sabanê - e a segunda, retirada da coleção de fotografias etnográficas registradas pela Comissão Rondon, cerca de um século antes, apresenta um rapaz, identificado por “Chiquinho” Nambikwara. Aqui, os documentos nos permitem não apenas ensinar ao aluno o trabalho com outros tipos de texto e a análise crítica de um documento imagético, mas também a contraposição da imagem ocidental do indígena, e a construção da identidade dos indivíduos, dentro de suas sociedades e dentro da nossa.

A identidade e a memória estão atrelados à terra e ao território de cada grupo, sendo vitais à saúde e à manutenção ontológica destes. Por terceiro documento, um excerto de Eduardo Goes Neves, especialista em arqueologia amazônica, tratando justamente da multiplicidade e ocupação indígena em longa permanência na região.

Em seguida, o documento 3D transcreve palavras de Tadeu Nambikwara, indígena contemporâneo e youtuber, ao refletir sobre a relação de seu povo com a terra junto ao contexto do Projeto de Lei 490/2007.

Por bloco final, selecionamos, primeiramente (Documento 4A) uma fotografia de inícios dos anos 2000, por Joana Miller, que retrata mulheres indígenas Nambikwara e, mais precisamente, Mamaindê, enfileiradas em aspecto de movimentação e carregando consigo cesto de material fibroso entrelaçado junto às costas. Em prosseguite, temos, respectivamente, um brinco composto por fio artificial de cor azulada e conchas de madrepérola (Documento 4B) e um cesto vasiforme de material não-identificado (Documento 4C), ambos de fins da década de 1980 e pertencentes ao acervo do Museu Nacional do Índio. Para além, retiramos parte do capítulo número XXII, “Ilhas e suas fertilidade e frutas”, de Cristóbal de Acuña ante à espacialidade, fertilidade de terras, agricultura e alimentação indígenas junto ao contexto amazônico. O último documento a ser tratado (4E), traz novamente, trechos do livro *Tristes Trópicos*, de Lévi-Strauss, que permite maior permeabilidade ao tema, pensando o caso específico Nambikwara. Neste último bloco, pretende-se o trabalho com fontes diversas de modo a proporcionar uma conclusão final à proposta. Neste momento os alunos devem estar aptos a reconhecer a importância do território junto à ontologia Nambikwara e como sua cultura se expressa em diferentes esferas e momentos. As permanências e ressignificações apresentadas ao longo do Kit Didático bem como as informações contidas nos documentos complementares visam assim fornecer ao aluno, junto de exercícios de análise e construção de pensamento crítico, um exercício de cidadania e socialização. Os debates levantados ao longo do trabalho com os grupos de alunos visam promover, por meio da percepção da construção da Amazônia e o espaço alocado a seus habitantes, as diferentes versões de cidadania e estado que se desenrolam historicamente no Brasil.

PROPOSTA DIDÁTICA

BLOCO I

A Floresta Amazônica abriga inúmeros povos com culturas distintas e que já ocupavam a terra e desenvolviam suas sociedades muito antes dos europeus se lançarem pelos mares.

Leia atentamente aos dois trechos retirados de *Tristes Trópicos* e discuta com seu grupo para responder as perguntas:

- a) Quem são os autores e quais suas nacionalidades?
- b) Por que o autor considera os nambikwara de baixo nível tecnológico?
- c) Por que o autor usa repetidamente o termo “primitivo”?
- d) Selecione trechos que mostram as atividades realizadas pelos nambikwara e como o autor as caracteriza.

BLOCO II

Observe as fotografias retiradas de arquivos da Comissão Rondon e de Lévi-Strauss e responda as perguntas:

- a) Quem são as pessoas das fotos?
- b) Quando essas fotos foram tiradas?
- c) O que elas estão fazendo?
- d) Como elas estão vestidas?
- e) O que podemos observar da cultura nambikwara a partir das fotos?
- f) Fotografias podem ser consideradas documentos históricos? Por que?

BLOCO III

A ocupação da terra é palco para debates atuais, principalmente quando paramos para analisar o PL 490/2007, mais conhecido como o Projeto de Lei do Marco Temporal. Esse projeto debate a presença dos povos nativos em 1988 quando foi assinada a Constituição Federal e defende o uso de áreas para a exploração.

Com isso em mente e o relato de Tadeu Nambikwara, leia os textos a seguir para responder às perguntas:

- a) Qual a importância da terra para os povos indígenas?
- b) Por que os povos nativos devem provar a ocupação de suas terras?

PROPOSTA DIDÁTICA

- c) Qual a importância da fala de Tadeu Nambikwara?
- i) Quando foi gravado?
 - ii) Em que contexto esse relato foi produzido?
 - iii) Construa um paralelo entre o Marco Temporal e o relato de Tadeu Nambikwara.
- d) Qual a importância do reconhecimento da posse da terra pelos povos indígenas pelo Estado e quais medidas podem ser tomadas?

BLOCO IV

Com base nas imagens de cultura material, no texto de Cristóbal de Acuña e no contexto no qual os Nambikwaras estão inseridos, responda:

- a) Qual a importância dos cestos para o cotidiano Nambikwara?
- b) Acuña relaciona os Nambikwara com qual animal? Por que ele faz essa ligação?
- c) O brinco de madrepérola demonstra qual lado da cultura?
- d) O que o documento 4A nos ilustra? Podemos relacionar com algum outro documento analisado?

DOCUMENTO 1A

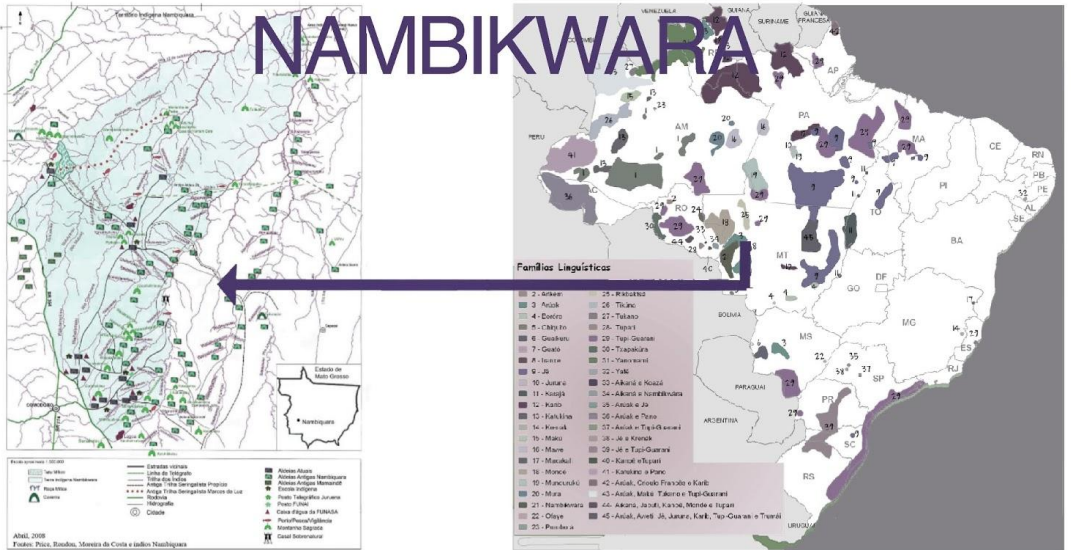
“O Eufrates assim se chama, como notou Santo Ambrósio, porque com suas correntes alegra os campos, de modo que os regados este ano têm assegurada abundante colheita no ano seguinte.

Do Rio das Amazonas se pode afirmar que as suas margens são em fertilidade Paraísos, e se a arte ajudar à fecundidade do solo, será todo ele uma série de aprazíveis jardins. [...]

Não necessitam as províncias ribeirinhas do Rio das Amazonas dos estranhos bens; o Rio é abundante em pesca, os montes em caças, os ares em aves, as árvores em frutas, os campos em messes, a terra em minas e os naturais, que a habitam, em grandes habilidades e agudos engenhos para tudo o que lhes importa, como iremos vendo no decorrer desta história.”

ACUÑA, Cristóbal de. [1639]. In: CARVAJAL, ROJAS E ACUÑA. [Tradução e notas por C. de Melo-Leitão]. Descobrimientos do Rio das Amazonas. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941. pp. 168-169

DOCUMENTO 1B



Território Nambikwara.
Mapa.

Para ver
mais:



DOCUMENTO 2A

“De todos os índios que vi em Mato Grosso, esse bando reunia os mais miseráveis. Dos oito homens, um estava sifilítico, outro tinha um flanco infeccionado, outro [tinha] um ferimento no pé, outro ainda estava coberto da cabeça aos pés por uma dermatite escamosa e havia ainda um surdo-mudo. Contudo, as mulheres e as crianças pareciam de boa saúde. Como não utilizam rede e dormem no chão, estão sempre cobertos de terra. Quando as noites são frias, espalham o fogo e dormem nas cinzas quentes... Vestem-se somente quando os missionários lhes dão roupas e exigem que as ponham. Sua repugnância pelo banho não permite somente a formação de uma camada de pó e cinza sobre a pele e os cabelos; vivem também cobertos de pedaços podres de carne e de peixe, que juntam seu odor ao do suor azedo, tornando sua proximidade repelente. Parecem infectados por parasitas intestinais, porque têm o estômago inchado e não param de soltar gases. Muitas vezes, trabalhando com indígenas amontoados num quarto pequeno, tive de interromper para arejar.

Os Nhambiquara... são odientos e impolidos até à grosseria. Quando eu visitava Júlio em seu acampamento, acontecia encontrá-lo frequentemente deitado junto do fogo; mas, vendo-me aproximar, virava-me as costas, dizendo que não queria falar comigo. Os missionários me contaram que um Nhambiquara pedirá diversas vezes um objeto, mas que, em caso de recusa, tentara furta-lo. Para impedir os índios de entrar, baixavam, por vezes, o biombo de folhagem usado como porta, mas se um Nhambiquara queria penetrar, arrombava esse tabique para abrir passagem...”

Não é preciso permanecer muito tempo entre os Nhambiquara para tomar consciência dos seus profundos sentimentos de ódio, de desconfiança e de desespero que suscitam no observador um estado de depressão do qual a simpatia não está completamente excluída.”

K, Oberg. [1953] *apud* LÉVI-STRAUSS, Claude. “XXVII: em família”. In: *Tristes Trópicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. pp. 310

DOCUMENTO 2B

Lévi-Strauss se diz transtornado ao ler relato de colega, que visita o mesmo grupo por ele descrito, dez anos após sua experiência - já em 1949. O grupo encontrava-se com 18 membros.

“Quanto a mim, que os conheci numa época em que as doenças introduzidas pelo homem branco já os haviam dizimado, mas em que - desde as tentativas sempre humanas de Rondon - ninguém empreendera submetê-los, desejaria esquecer essa descrição e nada conservar na memória senão este quadro, tornado aos meus cadernos de notas, em que rabisquei certa noite, a luz da minha lâmpada de bolso:

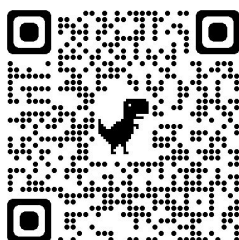
‘Na planície obscura, as fogueiras do acampamento brilham. Em torno do fogo, única proteção contra o frio que desce, atrás do frágil biombo de palmas e de ramos apressadamente plantado no chão, do lado de que se receia o vento ou a chuva; junto dos cestos cheios de pobres objetos que constituem toda a sua riqueza terrestre; deitados no chão que se estende ao redor, perseguidos por outros bandos igualmente hostis e amedrontados, os casais, estreitamente enlaçados. Sentem-se, um para o outro, como o sustentáculo, o reconforto, a única defesa contra as dificuldades cotidianas e a melancolia sonhadora que, de vez em quando, invade a alma nhambiquara. O visitante que, pela primeira vez, acampa no mato com os índios, sente-se tornado ao mesmo tempo de angústia e de piedade diante do espetáculo dessa humanidade tão completamente desprovida; esmagada, dir-se-ia, contra o chão de uma terra hostil por algum implacável cataclisma; nua, tremendo junto dos fogos vacilantes. Ele circula às apalpadelas entre os cerrados, evitando bater-se contra uma mão, um braço, um torso, de que se adivinham os quentes reflexos à luz do fogo. Mas essa miséria é animada de cochichos e de risos. Os casais se abraçam como na nostalgia de uma unidade perdida; [...] Adivinha-se em todos eles uma imensa gentileza, uma profunda despreocupação, uma ingênua e encantadora satisfação animal, e, reunindo esses sentimentos diversos, algo como a mais comovedora e verídica expressão da ternura humana.”

LÉVI-STRAUSS, Claude. “XXVII: em família”. In: *Tristes Trópicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. pp. 311.

DOCUMENTO 3A

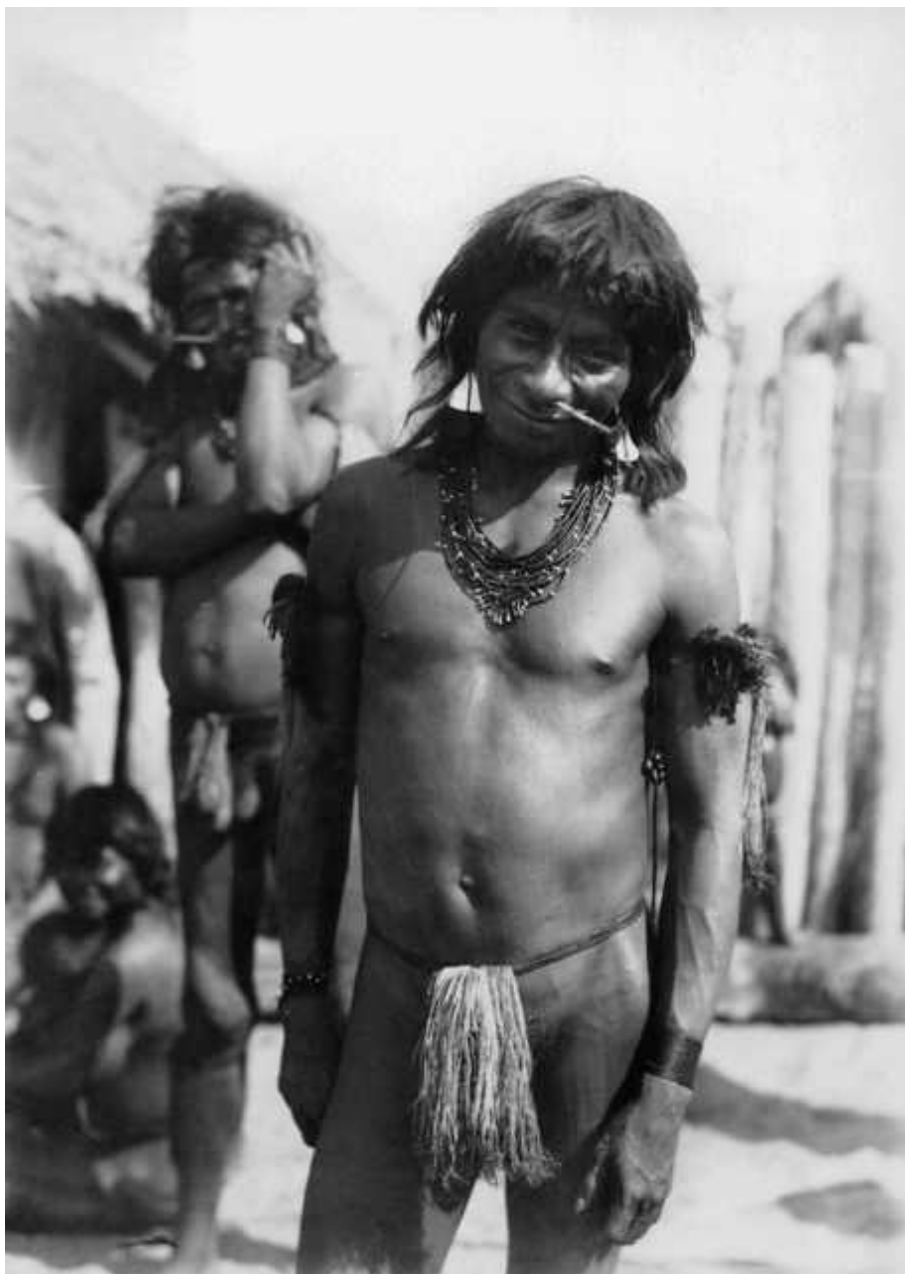


Festa da Menina Moça Sabanê, Povo Nambikwara.
Fotografia.



Para ver
mais:

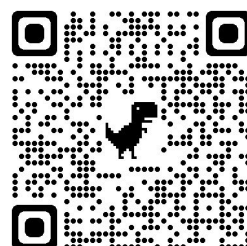
DOCUMENTO 3B



Chiquinho Nambikwara.

Fotografia etnográfica, Comissão Rondon,
c. 1900-1920. Museu do Índio, FUNAI.

Para ver
mais:



DOCUMENTO 3C

“Desde a virada do milênio tem ocorrido uma revisão radical desse quadro ortodoxo de conhecimento. Praticamente em qualquer área da Amazônia onde há pesquisas, a arqueologia vem encontrando evidências de ocupações humanas no passado, mesmo em locais hoje cobertos por floresta aparentemente virgem. Atualmente sabemos que a Amazônia é habitada há pelo menos 12 mil anos, há tanto tempo quanto em outras partes das Américas, por diferentes povos, com distintas formas de organização social e política, desde bandos nômades de caçadores-coletores até sociedades sedentárias hierarquizadas que produziram objetos de pedra e cerâmica extremamente refinados, hoje guardados em museus nas Américas e na Europa.”

NEVES, Eduardo Goes. Conclusão: por uma história antiga dos povos indígenas. In: Sob os tempos do equinócio. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. pp. 184-185.

DOCUMENTO 3D

“Dentro do nosso território existe vários lugares sagrados... É... por exemplo: tem uma montanha, né? Que é um lugar sagrado. É... Lugares de roça, lugares de caça e pesca. Dentro do nosso território, existe vários lugares onde... Surgiu tudo a nossa história, onde tudo começou, né? E... Esses lugares existe nesses... Dentro do nosso, nosso território, onde nós moramos, né? Então, é... Por isso que nós temos esse respeito com a nossa, com a nossa lugar, onde nós vivemos, né? É, é... Aí que surgiu, é... A nossa história, nossa... O nosso povo, né? Então, a gente preserva é... Tudo isso, né? E... Muitas pessoa se pergunta, né? Por que que os indígena, é... Falam tanto da preservação, fala tanto dos cuidados... Com a natureza, né? Então: é por causa disso! A nossa história surge desse...desses lugares, né? Na nossa... Na nossa terra, na nossa mata, né? Na nossa natureza, né? Então, a gente convive em meio a isso, né? Desde muito tempo e... A nossa história... A nossa cultura, ela não vêm de outras... Lugares, né? De outros... Regiões, vamos dizer assim, de outros países, né? Ah... A nossa História surge aqui, né?! Então não tem como a gente, é... Dizer assim, que a... A história... Surgiu, é... outro lugar. Não tem como a gente mudar isso, né? Então por isso que... Nós lutamos, é... Pelo nosso direito, pela nossa... Garantia, né? Para que possamos preservar isso daí... Muitos e muitos anos e... É... pelo resto dos tempos, né? E... Isso é muito importante a gente saber, conhecer a... A nossa realidade, né? A cultura de cada povo... Para que possamos entender e compreender a realidade de cada povo e... Valorizar! Começar a valorizar, compreender e... Começar a valorizar e até mesmo respeitar esse valor que nós temos, né? Isso faz parte de, é... Da nossa história, do nosso... De todo mundo, né? E isso é muito importante... E, por isso que nós, os povo indígena, né? Nós sempre se reunimos, é... Pra fazer os movimentos, grandes movimentos em prol da nossa sobrevivência e em prol da... Do nosso direito, né? Que até mesmo tá garantido e... E a nossa luta continua.”

NAMBIKUARA, Tadeu [transcrição]. A nossa história é milenar, não começa em 1988. YouTube, 03 jun. 2023. 3'25”.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Sije1wQh47U>>.
Acesso em: 23 jun. 2023.

DOCUMENTO 3E

PL 490/2007 (Projeto de Lei do Marco Temporal)

Seção II

Das Terras Indígenas Tradicionalmente Ocupadas

Art. 4º São terras tradicionalmente ocupadas pelos indígenas brasileiros aquelas que, na data da promulgação da Constituição Federal, eram, simultaneamente:

IV - necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

§ 4º A cessação da posse indígena ocorrida anteriormente a 5 de outubro de 1988, independentemente da causa, inviabiliza o reconhecimento da área como tradicionalmente ocupada, salvo o disposto no § 3º deste artigo.

Disponível em:

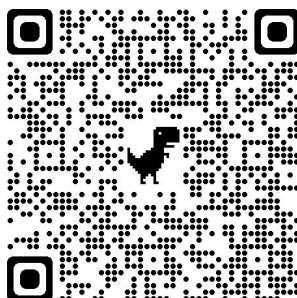
<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2285554> Acesso em: 23 jun. 2023.

DOCUMENTO 4A



Mulheres Mamaindê indo para a roça. Foto: Joana Miller

Para ver
mais:



DOCUMENTO 4B



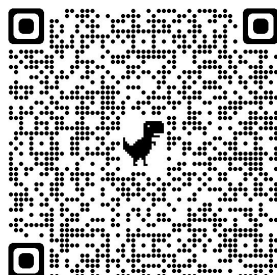
Brinco com fragmentos de madrepérola.

Povo Nambikwara, Mato Grosso, 1987.

Material: concha de madrepérola e cordão industrializado sintético. 20cm x 2,6cm x 0,1 cm. Museu do Índio, FUNAI. Coleção Nacional do Índio, FUNAI.

Par de brincos confeccionado com linha de algodão industrializada na cor azul apresentando pendente triangular em madrepérola.

Para ver
mais:



DOCUMENTO 4C



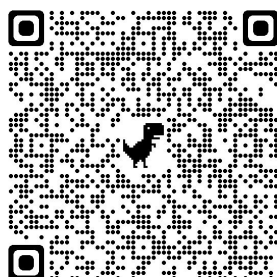
Cesto vasiforme.

Povo Nambikwara, Mato Grosso, 1989.

Material: Não identificado. 21,3cm x 22cm. Museu do Índio, FUNAI. Coleção Nacional do Índio, FUNAI.

Cesto vasiforme de borda extrovertida e base hexagonal, confeccionado com lasca de matéria-prima não identificada, segundo a técnica do trançado hexagonal reticular. Apresenta borda com acabamento com aro roliço.

Para ver
mais:



DOCUMENTO 4D

Todo este Rio está povoado de ilhas, umas grandes, outras pequenas, tantas em número que não se podem contar, porque se encontram a cada passo; [...] há também muitas outras muito pequenas, que servem aos naturais para as suas lavouras, tendo nas maiores a sua habitação.

Estas ilhas de menor porte, e ás vezes, as maiores ou uma grande parte das mesmas, são inundadas todos os anos pelo Rio, fertilizando-as assim com as suas lamas, de modo que nunca podem alegar título de estéreis, mesmo que por muitos anos continuados se lhes peça a produção ordinária, que são o milho e a iuca, ou mandioca, alimento comum de todos e do qual há grande abundância; e embora parecesse estar exposta a grandes diminuições e perdas em tão poderosas avenidas, a natureza, mãe comum de todos, deu a estes bárbaros meio fácil para a sua conservação.

Colhem a iuca, que são umas raízes, das quais se faz o caçabe, pão ordinário de todas aquelas costas do Brasil, e cavando na terra uma cova ou cortes profundos, as enterram neles, deixando-os muito bem tapados durante todo o tempo que duram as enchentes, passadas as quais arrancam as raízes e as beneficiam para seu sustento, sem que por isso percam um ponto do seu valor.

E se a natureza ensinou a formiga a guardar nas entranhas da terra, como em celeiro, o grão que há de ser o seu alimento durante todo o ano, não é muito que desse atilamento ao Índio, por mais bárbaro que seja, para prevenir seu dono e guardar o seu sustento; pois é certo que a Divina Providência mais cuida dos homens que dos animais brutos.

ACUÑA, Cristóbal de. [1639]. In: CARVAJAL, ROJAS E ACUÑA. [Tradução e notas por C. de Melo-Leitão]. Descobrimientos do Rio das Amazonas. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941. pp. 175-176

DOCUMENTO 4E

“Todos os bens dos Nhambiquara cabem folgadoamente no cesto carregado pelas mulheres durante a sua vida nômade esses cestos são de taquara fendida, trançada em grade, com seis hastes (dois pares perpendiculares entre si e um par oblíquo), formando uma rede de largas malhas estreladas; ligeiramente mais largas no orifício superior, terminam por baixo em dedo de luva. Suas dimensões podem alcançar 1,50 m, isto é, são por vezes tão altas quanto a carregadora. Põem-se no fundo alguns bolos de mandioca, cobertos de folhas; e em cima, o mobiliário e os instrumentos: cabaças; facas feitas com lascas de bambu, pedras grosseiramente talhadas ou pedaços de ferro - obtidos por troca - e fixados, com cera e cordéis, entre duas placas de madeira, formando o cabo; furadores compostos de um punctor de pedra ou de ferro, montado na extremidade dum haste que se gira entre as palmas da mão. Os indígenas possuem machados e machadinhas de metal, recebidos da Comissão Rondon, e seus machados de pedra lhes servem quase exclusivamente de bigorna, para a fabricação de objetos de concha ou de osso; sempre utilizam mós e polidores de pedra. A olaria é desconhecida dos grupos orientais (por onde comecei a minha pesquisa); é, de resto, grosseira por toda parte. Os Nhambiquara não tem pirogas e atravessam os cursos d'água a nado, com o auxílio, por vezes, de molhos de lenha como bóias.

Esses utensílios são rústicos e mal merecem o nome de objetos manufaturados. O cesto nhambiquara contém sobretudo as matérias-primas com as quais se fabricam os objetos, a medida em que surgem as necessidades: madeiras variadas, sobretudo as que servem para produzir o fogo por fricção, blocos de cera ou de resina, novelos de fibras vegetais, ossos, dentes e unhas de animais, pedaços de peles, penas, espinhos de ouriço, cascas de nozes e conchas fluviais, pedras, algodão e grãos. Tudo isso se apresenta num aspecto tão informe que o colecionador se sente desanimado por uma exibição que parece resultar menos da indústria humana do que da atividade, observada a lupa, de uma raça gigante de formigas. Na verdade, é numa coluna de formigas que fazem pensar os Nhambiquara marchando em fila através da alta vegetação, cada mulher esmagada por seu cesto de vime claro, como as formigas às vezes o são pelos seus ovos.”

LÉVI-STRAUSS, Claude. “XXVI: na linha”. In: *Tristes Trópicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. pp. 292-293.

GLOSSÁRIO

Bloco I: A visão do outro: Relatos de viajantes sobre os Nambikwaras

Cataclisma: Grande catástrofe ambiental; dilúvio, inundação, tornado, terremoto; modificação significativa na organização de uma sociedade; desastre que toma grandes proporções; calamidade; alteração para pior na vida de alguém; tragédia.

Dermatite: Qualquer tipo de inflamação que ocorre na pele, geralmente acompanhada de vermelhidão, coceira, descamação, pequenas bolhas, podendo aparecer em algumas áreas ou em todo o corpo.

Flanco: Cada um dos lados em que o corpo humano está dividido, indo dos quadris aos ombros; parte situada na lateral do tórax de um animal. Parte lateral de qualquer coisa; lado de qualquer objeto; lado.

Hostil: Que demonstra hostilidade, rivalidade ou agressividade; agressivo. Característica natural de um rival; que se expressa violenta ou agressivamente; qualidade da pessoa mal-humorada; antipático; Que se opõe a; contrário; Que denota desaprovação, inimizade.

Impolido: Não polido; que não tem polidez; rude, grosseiro

Repugnância: Sentimento que denota repulsa; sensação de asco ou aversão. Falta de compatibilidade; antipatia. Grande relutância em se comportar de determinado modo.

Tabique: Parede divisória de madeira ou qualquer outro material que não tijolos.

Vacilantes: Em que há vacilação; característica do que vacila; vacilador. Que não possui equilíbrio; titubeante;. Que balança; sem estabilidade; trêmulo. Sem segurança.

Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/>

GLOSSÁRIO

Bloco III: Ocupação da Amazônia: Desde quando?

Cessação: Interrupção; ação cessar, de interromper, de fazer parar; alteração dos mecanismos que modificam uma ação processual, interrompendo a sua conjuntura anterior e atribuindo-lhe um novo aspecto.

Inviabiliza: Inviabiliza vem do verbo inviabilizar. O mesmo que: dificulta, impede.

Ortodoxo: Rigoroso; quem segue estritamente as normas e/ou regras estabelecidas por uma religião, ideologia, filosofia, política ou sociedade; Que adota, prática ou segue as regras e/ou dogmas tradicionais.

Promulgação: Ato de publicar, geralmente, uma lei, um processo, um artigo ou decreto etc. Ato em que o chefe do Estado, o presidente de um país e/ou uma comissão governamental assina uma lei e manda publicá-la a fim de produzir os devidos efeitos.

Simultaneamente: Ao mesmo tempo; no mesmo momento.

Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/>

GLOSSÁRIO

Bloco IV: Sociedade dos Cestos: cultura material na sociedade Nambikwara

Aprazível: Que tende a provocar prazer; em que há agradabilidade; agradável; que possui boa aparência; diz-se do clima ou do lugar agradável; que incita o interesse; que desperta a vontade de conhecer; excessivamente atraente; que demonstra características favoráveis.

Atilamento: Tino, sagacidade; discrição. Esmero, correção.

Estéril: Que não tem a possibilidade de procriar, de gerar descendentes; que não se consegue produzir; que não pode ser criado; que não produz o resultado esperado; inútil, ineficaz; que não se pode infectar; que não pode ser infectado; asséptico.

Fecundidade: Característica ou estado do que é fecundo; fértil.; que produz em excesso; produtividade ou fertilidade.

Messes: Terreno dedicado ao cultivo e que se encontra em boas condições para a colheita; será finalizado para a colheita. O que está pronto para ser colhido; colheita, safra; O que foi objeto de conquista; ganho.

Padecer: Sofrer de dores físicas ou morais; estar doente; ser alvo de maus-tratos; o cão padecia com donos maus; ter dificuldades ou estar infeliz.

Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/>